

UMA EXPERIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO COLABORATIVA

Catarina Rebelo
Agrupamento de Escolas de Mosteiro e Cávado
clbrebelo@gmail.com

Diana Reis
Agrupamento Bernardino Machado
diana.reis@bragatel.pt

Manuela Sousa
Agrupamento Leonardo Coimbra – Lixa
msousam@gmail.com

Resumo

Pretendemos apresentar uma experiência de supervisão desenvolvida no âmbito de um estudo de Mestrado. Tendo em consideração a importância atribuída à observação dos comportamentos no processo de ensino e aprendizagem, orientámos o nosso trabalho no sentido da observação da relação professor-aluno, com vista à melhoria deste processo, através de uma análise conjunta dos fenómenos ocorridos na sala de aula. A experiência centrou-se na observação de aulas colaborativa como estratégia privilegiada de formação inter-pares, fundamentada em pressupostos e processos da supervisão clínica e de uma formação reflexiva de professores. Foi implementada numa turma do 6.º ano de escolaridade, escolhida por os alunos apresentarem problemas relacionados com dificuldades de atenção e concentração, intervenções desordenadas na sala de aula, e ainda dificuldade em respeitar e cumprir regras sociais básicas. A nossa intervenção neste simpósio centrar-se-á na apresentação e discussão dos resultados desta experiência e suas implicações para a melhoria do desempenho profissional de docente observada e observadoras.

1 - Introdução

A Experiência de Supervisão, desenvolvida na unidade curricular *Modelos e Processos de Supervisão*, foi implementada numa turma do 6.º ano de escolaridade, na disciplina de Inglês, na EB 2,3 do Cávado, em Braga.

A turma do 6.º E é composta por vinte e cinco alunos, dezoito rapazes e sete raparigas, com idades compreendidas entre os dez/onze anos. Existe um aluno de origem ucraniana com doze anos e um repetente, pela terceira vez no sexto ano, com treze anos. Todos residem nos arredores da escola que frequentam. São alunos com problemas comportamentais, nomeadamente, dificuldades de atenção e concentração nas actividades escolares, intervenções desordenadas na sala de aula e dificuldades em cumprirem algumas regras básicas para o bom funcionamento da sala de aula, informações recolhidas no Projecto Curricular de Turma. Este comportamento constante, em todas as disciplinas, requer um esforço enorme e, ao mesmo tempo revela-se desgastante, para todos os docentes. O aproveitamento não é muito bom uma

vez que revelam falta de hábitos e métodos de estudo/trabalho, o que lhes dificulta a aquisição e aplicação de conhecimentos nas diversas disciplinas. Isto, associado ao comportamento irregular e incorrecto da turma, faz com que o seu rendimento escolar não seja dos melhores. Por este motivo escolhemos esta turma para ajudar a minorar, através do modelo de supervisão clínica, os problemas/dificuldades detectadas.

2 - Objectivos

Tendo em consideração a importância atribuída à observação dos comportamentos no processo de ensino e de aprendizagem, na perspectiva da Pedagogia actual e da Psicologia, orientámos o nosso trabalho no sentido da observação da relação professor-aluno, em contexto de sala de aula. Através desta pequena, mas gratificante, experiência, procurámos dar resposta a algumas questões colocadas:

- *Que potencialidades evidencia a observação de aulas na promoção de um clima favorável à aprendizagem e ao aumento da auto-estima dos alunos?*
- *Como utilizar o ciclo de observação no modelo clínico ao serviço da promoção da melhoria das atitudes comportamentais dos alunos e, conseqüentemente, do seu desempenho escolar?*
- *Como pode a observação de aulas contribuir para a auto-reflexão da prática lectiva com vista à melhoria dos resultados dos alunos?*
- *Em que sentido a observação de aulas pode contribuir para a melhoria do desempenho profissional de docente observada e observadoras?*

Pretendíamos observar o comportamento dos alunos, o tipo de relacionamento estabelecido, os mecanismos de comunicação entre a professora e os alunos.

Embora o comportamento e o relacionamento dos alunos não se limite apenas à sala de aula, é esse contexto que nos interessa particularmente, visto ser o espaço pedagógico por excelência, o local onde a relação professor-aluno pode influenciar directamente a aprendizagem e conseqüentemente os resultados obtidos.

O professor e os alunos são os principais intervenientes no processo de ensino-aprendizagem. Estabelecido um relacionamento autêntico, facilmente o professor aplicará os seus conhecimentos, teorias, métodos e estratégias de trabalho, à sua personalidade e à realidade da turma que tem diante de si.

Neste trabalho foi dada especial atenção à observação do relacionamento da professora com os alunos e à auto-avaliação dos alunos (o que pensam os alunos da sua aprendizagem), ou seja, o “quadro ético e conceptual para as práticas supervisivas, no qual se articula a reflexividade profissional com o desenvolvimento da autonomia dos alunos em contexto escolar” (Vieira et al, 2006: 11).

Numa prática reflexiva, os papéis do professor respeitam principalmente a uma compreensão crítica da Educação e da interacção pedagógica em contexto escolar, concebendo o ensino como uma actividade de constante questionamento e indagação.

A observação colaborativa permite, embora com papéis diferentes, envolver e co-responsabilizar todos os intervenientes em todo o processo e no desenvolvimento da experiência. Cientes da importância da observação colaborativa como “estratégia privilegiada de descrição, análise, confronto e (re)construção da acção” (Vieira et al, 2006: 88), procuraremos orientar o nosso estudo por uma visão transformadora da educação escolar.

“Através de uma estratégia de supervisão que coloca a tónica na indagação crítica da prática, será mais fácil promover o desenvolvimento de competências essenciais a uma acção educativa (auto) emancipatória assente em ideias de liberdade, responsabilidade, criticidade, cooperação, justiça e respeito pela dignidade do ser humano enquanto ser social” (Vieira et al., 2006: 79).

3 - Metodologia

No nosso trabalho esteve presente o modelo de Supervisão Clínica, uma vez que o nosso objectivo era melhorar o ensino da professora observada e a aprendizagem dos alunos, analisando conjuntamente as várias situações que ocorreram na sala de aula.

A preocupação principal deste modelo de supervisão é ajudar o professor a ensinar melhor. Para tal é necessário saber os porquês dos acontecimentos, implicando um esforço de observação e uma recolha de dados e análise cuidadosa dos mesmos. É também muito importante que o professor tome as suas próprias decisões no que diz respeito ao seu ensino. É essencial que as supervisoras e a professora façam um esforço conjunto no sentido da melhoria no ensino. Para que haja progressão o professor necessita “de ter consciência dos pontos fracos do seu ensino, precisa de saber observar, diagnosticar e tomar posições” (Alarcão, 2006: 21).

O conceito de supervisão clínica assenta em três ideias fundamentais: “a) o professor é o condutor da sua própria actividade; b) o professor deve ser eficaz e responsável; c) o ensino não pode dissociar-se da aprendizagem” (Alarcão, 2006: 22). A finalidade deste trabalho entre o supervisor e o professor é ajudar a diagnosticar os problemas e detectar possíveis estratégias para os melhorar ou aperfeiçoar.

O supervisor “é o profissional treinado, com ciência, competência e empenho” (Oliveira-Formosinho, 2002:28) que lhe vai permitir agir de um modo mais consciente, mais adequado, e ajudar a agir cada vez melhor e de um modo mais consciente. Para que a sua função seja bem desempenhada, é importante que o supervisor seja uma pessoa aberta e capaz de escutar e encorajar um professor a melhorar a sua prática profissional. Professor e supervisor devem funcionar como colegas e trabalhar em equipa, tendo ambos, como principal objectivo, a

melhoria da aprendizagem dos alunos através do aperfeiçoamento do ensino. Trata-se de uma relação colegial onde se reflecte sobre práticas e conhecimentos.

Os alunos são intervenientes indirectos mas fazem parte de todo este processo. É necessário conhecer e analisar bem o contexto em que estão inseridos para se perceber ou entender a complexidade do processo de ensino e aprendizagem.

Construída a partir dos fundamentos da Supervisão Clínica, a nossa experiência de supervisão está intimamente ligada ao conceito de prática reflexiva. Vários autores têm escrito acerca da prática reflexiva no âmbito da Supervisão. Na versão de Schön do treino reflexivo

“Os professores e supervisores desenvolvem através da experiência os seus repertórios de compreensão da sua prática profissional. O professor identifica acções ou resultados inesperados do aluno, estrutura estes acontecimentos como um quebra-cabeças a ser resolvido e leva a cabo acções para obter conclusões. O papel do supervisor é encorajar e desafiar o professor nesta reflexão. Os dados reunidos a partir da observação do ensino são fundamentais para reconstruir os acontecimentos de ensino...” (Oliveira-Formosinho, 2002: 55).

A partir do desenvolvimento de experiências práticas de supervisão, professor e supervisor desenvolvem as suas competências profissionais, através da identificação das situações problema, da busca de soluções. Professor e supervisor partilham conhecimentos e experiências, estabelecendo um relacionamento com base na colaboração e no empenho. Em casos como o referido nesta experiência, o supervisor deve assumir sempre um papel não-directivo mas encorajador, transmitindo segurança e um espírito colaborativo na busca de soluções para os problemas ou simplesmente para a melhoria da prática pedagógica. O caminho para essa melhoria conduz ao desenvolvimento profissional de professor e supervisor.

A nossa experiência tem por base as cinco fases fundamentais propostas por Goldhammer citadas por Alarcão (2006) no modelo de Supervisão Clínica: encontro pré-observação, observação, análise e estratégia, encontro pós-observação e análise do ciclo da supervisão.

O encontro pré-observação deve ser realizado antes de o supervisor entrar na sala de aula e tem como objectivo explicar a função e estrutura da supervisão clínica, assim como o papel que o supervisor e professor desempenham. O supervisor desenvolve com o professor um espírito de abertura e interesse de forma a afastar qualquer motivo de ansiedade. A aula é planificada em conjunto relativamente aos objectivos, estratégias de ensino e aprendizagem, materiais, retroacção e avaliação. Alguns problemas possíveis podem ser antecipados assim como as várias maneiras de os resolver. A estratégia de observação também é planificada em comum (aspectos a observar, como e quando observá-los).

A segunda fase, observação, tem lugar na sala de aula, supervisor recolhe informações sobre o desempenho dos alunos bem como sobre as estratégias de ensino e as decisões tomadas. O

método de recolha de dados é determinado por aquilo que é relevante e significativo para o professor. Pode ser efectuada mesmo com a presença do supervisor, uma gravação em áudio ou uma gravação em vídeo. Esta última é bastante vantajosa pois o professor pode observar e analisar a sua própria aula, permitindo-lhe verificar quais as estratégias que melhor resultam e identificar os pontos fracos ou a melhorar. Professor e supervisor devem utilizar o mesmo instrumento de observação.

Na terceira fase, análise e estratégia, o supervisor e professor analisam o que aconteceu durante a aula. Inicialmente, convém fazê-lo separadamente e, mais tarde, em conjunto.

No encontro pós-observação discutem-se as intenções e realizações, na tentativa de identificar quais são os pontos susceptíveis de serem alterados. O professor, nesta fase, deve ser encorajado a partilhar as suas impressões da aula, a inferir relações causais entre as suas acções e os resultados do aluno, deve ter um papel activo e crítico do seu próprio ensino. Contudo, não pode negligenciar-se o respeito e a competência do supervisor.

Na última fase, descrita por Goldhammer, da análise do ciclo de supervisão, ocorre uma reflexão sobre a acção desenvolvida.

4 - Resultados

A nossa experiência de supervisão centra-se na observação de aulas como estratégia privilegiada de formação no enquadramento da supervisão clínica e da formação reflexiva, com vista à melhoria do ensino e da aprendizagem dos alunos através “de uma análise conjunta dos fenómenos ocorridos na sala de aula e levada a cabo pelo professor e pelo supervisor” (Alarcão, 1981: 20).

Conforme foi referido anteriormente, direccionámos o nosso trabalho de acordo com as cinco fases do ciclo da Supervisão Clínica propostas por Goldhammer.

a. Encontro de pré-observação

Neste encontro tivemos por objectivo primordial tomar conhecimento de características da escola e da turma onde iríamos contextualizar a nossa experiência. Planificámos a aula em conjunto, definindo as competências específicas a desenvolver, as estratégias de ensino/aprendizagem, os materiais a utilizar e avaliação. Anteciparam-se problemas, de acordo com as características pessoais de alguns alunos da turma (caso de um aluno Ucrainiano e de outro aluno bastante problemático, repetente, muito pouco interessado, pouco participativo e, por vezes, perturbador).

Neste encontro foi também planificada a estratégia de observação: como iria decorrer a observação, os aspectos a observar, produzindo-se em seguida a *Grelha de Observação de Aula* a utilizar pelas observadoras. Com esta grelha pretendíamos que o processo de observação

fosse, simultaneamente, relevante e exequível, através da identificação de doze dimensões no que concerne à relação pedagógica com os alunos. Para cada dimensão, reservámos um espaço de registo de aspectos observados e não observados. Acrescentámos, ainda, um espaço de comentários/observações e aspectos a melhorar para uma reflexão posterior.

Para além da grelha e como forma de confrontar as perspectivas das observadoras com as percepções dos alunos, foi construída e experimentada a *Ficha de Auto-Avaliação*, que integra as dimensões a desempenhar pelos alunos, numa linguagem mais simples, permitindo-lhes avaliar em que medida a aula proporcionou oportunidades para desempenhar essas dimensões, fomentando a sua consciência acerca do modo como aprendem e como se comportam na aula de Inglês.

b. Observação da Aula

A observação da aula de Inglês do 6.º E foi baseada na grelha (registo das observadoras) e decorreu com assistência directa das professoras observadoras, com um papel não interventivo. No início da aula, a docente informou os alunos do objectivo pretendido com esta experiência. No final da aula, os alunos procederam à auto-avaliação do seu desempenho (Ficha de Auto-Avaliação).

Terminada a observação da aula, docente e observadoras apenas comentaram entre si que esta tinha ido ao encontro das expectativas do grupo de trabalho. Decidiram não tecer mais comentários para garantirem a autenticidade da redacção dos seus relatos individuais.

c. Análise e Estratégia

Em seguida, docente e observadoras analisaram, individualmente, o que se passou na sala de aula, confrontando os registos efectuados com o problema/dificuldades sentidas e a planificação elaborada, tendo em vista o processo ensino/aprendizagem e a relação entre o comportamento do professor e o dos alunos. Por outro lado, analisaram os resultados obtidos na ficha de auto-avaliação dos alunos e compararam esses resultados com os relatos das observadoras.

d. Encontro de pós-observação

Neste encontro de docente e observadoras, após a fase de análise, foram apresentados os resultados da observação, procedendo-se a uma comparação entre intenções e acções, com recurso aos dados recolhidos na observação e na auto-avaliação dos alunos. As observadoras apresentaram os dados resultantes do seu registo: aspectos positivos observados dignos de realce, aspectos menos positivos ou a melhorar e ainda sugestões de estratégias a aplicar em futuras aulas, visando o empenho e a melhoria das aprendizagens dos alunos. Foi também apresentada e analisada uma ocorrência inesperada na aula. As duas observadoras assumiram um papel construtivo, procurando reforçar e valorizar os aspectos positivos e apresentar sugestões para melhorar aspectos menos conseguidos. Houve também a preocupação de

relacionar os registos das observadoras com as respostas dos alunos às questões expressas na ficha de auto-avaliação.

A docente, por sua vez, redigiu um relato da aula que partilhou com as observadoras. Manteve um papel bastante activo nesta fase, argumentando e defendendo a sua postura na aula, mostrando-se conhecedora da realidade e responsável pelo processo de ensino/aprendizagem. Demonstrou disponibilidade para realizar, posteriormente, uma reflexão colectiva com os alunos sobre as respostas da ficha de auto-avaliação.

e. Análise do Ciclo de Supervisão

Finalmente deparámo-nos com o último momento do ciclo da supervisão, uma análise sobre toda a acção desenvolvida. São elementos participantes nesta fase todos os intervenientes no processo: docente, observadoras e alunos. A docente apresentou uma postura de disponibilidade para melhorar as suas competências profissionais e um interesse especial na busca de soluções para melhorar o seu relacionamento com a turma, aumentando o empenho e motivação dos alunos e, conseqüentemente, o seu aproveitamento escolar. As observadoras procuraram agir de modo a criar um clima de abertura, confiança e colaboração, capazes de escutar e encorajar, formando uma verdadeira equipa empenhada em melhorar a aprendizagem dos alunos, através da reflexão sobre as suas práticas e conhecimentos. Os alunos também apresentaram a sua percepção da aprendizagem e do contexto em que ela ocorreu através do preenchimento da ficha de auto-avaliação. Os dados recolhidos foram devidamente tratados e analisados, ajudando a clarificar aspectos que passariam despercebidos na perspectiva dos docentes.

A aplicação dos instrumentos elaborados permitiu a recolha de informação imprescindível para o questionar, reflectir e propor possibilidades para a melhoria das aprendizagens. Após a observação da aula, as observadoras e a docente da turma redigiram relatos individuais.

Registo da Observadora 1

Tabela 1 - Grelha de observação de aula da Observadora 1

Domínio observado: Relação pedagógica com os alunos	Sim	Não	Não observado
1. Utiliza formas de reforçar positivamente os alunos e aumentar a motivação	X		
2. Procura incrementar a auto-estima e segurança dos alunos	X		
3. Demonstra abertura para discutir com os alunos os problemas/dificuldades da turma	X		
4. Procura interagir com todos os alunos, em grande grupo ou individualmente	X		
5. Utiliza momentos de feedback /verificação das actividades para detectar/remediar dificuldades	X		
6. Implementa estratégias de ensino diversificadas, de acordo com os interesses e as dificuldades dos alunos	X		
7. Implementa formas de trabalho colaborativo (em pares / em grupo)	X		
8. Valoriza a diversidade na sala de aula, respeitando a individualidade de cada um	X		
9. Utiliza linguagem socialmente adequada e inclusiva	X		
10. Promove estratégias de participação organizada	X		
11. Gere com segurança e flexibilidade situações problemáticas/ conflitos interpessoais	X		
12. Comunica expectativas de sucesso	X		

Comentários: Na aula observada foi possível verificar a utilização de formas de reforço positivo, com o intuito de aumentar a motivação e o empenho dos alunos. No início da aula, a professora entregou os ditados, elaborados na aula anterior e, simultaneamente, fez os seguintes comentários: “Tens um bom ditado”, “já melhoraste”, “muito bom!”, “tenta melhorar a tua caligrafia”, “fizeste uma boa correcção”.

Ao longo da aula, a docente utilizou sempre uma linguagem adequada e procurou explicar detalhadamente as tarefas a realizar. Demonstrou disponibilidade para esclarecer as dúvidas dos alunos. Sempre que necessário recorria ao quadro para explicar os conteúdos abordados. Deslocava-se ao longo da sala, observava, individualmente, os cadernos dos alunos e tecia observações do género: “falta uma palavra”, “lê com atenção o exercício”, “tenta descobrir sozinho”. Interagia com todos os alunos individualmente ou em grande grupo. Esta interação, por vezes, era demasiado canalizada para um grupo de alunos que intervinham com maior frequência, em prejuízo daqueles que aparentemente se mostravam mais inibidos.

No decorrer da actividade da leitura do texto surgiu uma situação conflituosa. Alguns colegas da turma começaram a rir-se de um aluno que estava a ler em voz alta. Rapidamente, a professora geriu este conflito, questionando os alunos “provocadores” sobre as suas competências na leitura: “Sois especialistas na leitura?”, “qualquer pessoa se pode enganar, até a professora”.

Reforçou o aluno injuriado, transmitindo-lhe segurança, o qual prosseguiu confiante a sua leitura. Nesta situação, a docente actuou com rigor e clarividência, incrementando a auto-estima do aluno.

A participação dos alunos, durante a aula, foi evoluindo no número de frequência e na intensidade do timbre da voz. Isto é, no início da aula, os discentes levantavam o braço e aguardavam, em silêncio, a sua vez para participarem. Espelhavam uma turma participativa, educada e disciplinada. Portanto, inicialmente o comportamento dos alunos não se assemelhava ao que nos tinha sido relatado pela professora no encontro de pré-observação. Porém, com o avançar das actividades, os alunos foram-se acomodando à presença das observadoras e gradualmente alteraram as suas atitudes comportamentais: começaram a participar sem respeitar as regras estabelecidas, atropelavam-se nas suas intervenções orais, aumentaram o tom de voz e interagem com os parceiros sobre assuntos que não estavam relacionados com as tarefas. Neste momento da aula, a professora dirigiu-se às observadoras e fez o seguinte comentário: “Agora, sim, estes são os meus alunos!”. A docente recorreu a diferentes estratégias de modo a controlar o comportamento dos alunos: aumentou o seu tom de voz para controlar o ruído dos alunos, solicitou frequentemente a colocação do dedo no ar para poder intervir e repetiu afirmações como “Vocês estão-se a portar muito mal!”. Estas estratégias moderavam, momentaneamente, o comportamento dos jovens (3 ou 4 minutos) e, de imediato, se mostravam ineficazes, provocando um desgaste da própria professora.

Nesta aula não foi possível cumprir a planificação na íntegra por falta de tempo, devido à interrupção momentânea da aula com a entrada, imprevista, do Presidente do Conselho Executivo a fim de distribuir calendários pelos alunos. Por esta razão, não foi implementada a actividade de trabalho de grupo. Assim, apesar de a professora contemplar no seu plano de aula diferentes formas de trabalho colaborativo, a sua observação só foi possível no momento da leitura a pares do texto, que por si só se mostrou insuficiente para analisar as relações de colaboração e inter-ajuda entre os elementos da turma.

Registo da Observadora 2

Tabela 2 - Grelha de observação de aula da Observadora 2

Domínio observado: Relação pedagógica com os alunos	Sim	Não	Não observado
1. Utiliza formas de reforçar positivamente os alunos e aumentar a motivação	X		
2. Procura incrementar a auto-estima e segurança dos alunos	X		
3. Demonstra abertura para discutir com os alunos os problemas/dificuldades da turma	X		
4. Procura interagir com todos os alunos, em grande grupo ou individualmente	X		
5. Utiliza momentos de feedback /verificação das actividades para detectar/remediar dificuldades	X		
6. Implementa estratégias de ensino diversificadas, de acordo com os interesses e as dificuldades dos alunos	X		
7. Implementa formas de trabalho colaborativo (em pares / em grupo)	X		
8. Valoriza a diversidade na sala de aula, respeitando a individualidade de cada um	X		
9. Utiliza linguagem socialmente adequada e inclusiva	X		
10. Promove estratégias de participação organizada	X		
11. Gere com segurança e flexibilidade situações problemáticas/ conflitos interpessoais	X		
12. Comunica expectativas de sucesso	X		

Comentários: A aula teve aspectos muito positivos. Devemos referir o feedback positivo e o incentivo dado aos alunos, no momento da entrega de ditados realizados na aula anterior “Estás a ver que se trabalhares consegues” “Estás a ver que até não correu nada mal” “Até tens um bom ditado”. Outro aspecto positivo observável era o varrimento da turma que fazia com o olhar, durante a leitura modelo. A professora mostrou sempre a preocupação de correcção da pronúncia, nos momentos de leitura e durante a interacção verbal. Resolveu muito bem a situação dos risinhos, quando um aluno lia com menos correcção, questionando os alunos se por ventura faziam sempre tudo muito bem feito, se não haveria aspecto algum em que falhassem. Com o decorrer da aula a Professora ia esclarecendo, com clareza e oportunidade, as dúvidas apresentadas pelos alunos. Outro aspecto, também muito positivo, foi o relacionamento dos conteúdos abordados na aula (preposições de lugar) com conhecimentos adquiridos no ano anterior.

Deve também referir-se o apelo à participação ordeira durante algumas fases da aula ”braço no ar para responder”e indicando o nome do aluno que daria a resposta. Contudo, com o decorrer da aula foi-se verificando alguma desordem na participação, situação que a professora ia

procurando controlar com alteração do tom de voz. A utilização do quadro preto, em momentos de exemplificação, registo e correcção, também não pode deixar de ser referida como uma estratégia positiva.

Aspectos a melhorar: A professora deve deslocar-se mais pela sala, percorrer toda a sala, procurar dar mais atenção ao trabalho dos alunos menos exuberantes, durante a realização de tarefas individuais ou de grupo. Necessita também de trabalhar mais a participação organizada dos alunos, pois verifica-se que levantam o braço para responder muito antes de ter terminado a pergunta. A professora recorre demasiado à tradução, deveria utilizar mais a explicação na língua inglesa. Deve fomentar o diálogo na língua inglesa. Pareceu-me que o recurso à gravação poderia ser um excelente meio de correcção, permite fazer a audição correcta as vezes necessárias, permitindo também ao aluno ouvir-se e fazer comparações, tentando a correcção. Além disso, a tecnologia, por si só, é motivadora.

Reflexão individual da docente observada

Esta aula foi iniciada pela leitura de um diálogo, sendo a primeira leitura feita por mim e, de seguida por dois alunos. Fizemos oralmente a tradução do mesmo, uma vez que nem todos os alunos conseguem perceber o seu conteúdo. Realizaram dois exercícios relacionados com a interpretação desse texto. Tentei sempre usar uma linguagem simples e clara para que todos acompanhassem e percebessem a matéria e fiz as correcções dos exercícios no quadro, andando sempre pela sala de aula, verificando se os alunos estavam a acompanhar e a passar ou corrigir o que se ia fazendo.

Nesta unidade introduzi vocabulário relacionado com lugares públicos que os alunos aplicaram com a ajuda de uma imagem, associando as palavras às imagens. De seguida falamos das preposições de lugar e, utilizando a imagem do exercício anterior, escreveram frases aplicando todo este vocabulário apreendido. Mais uma vez ia caminhando ao longo da sala, verificando se os alunos estavam a acompanhar e retirando dúvidas sempre que necessário.

Durante a primeira hora, a turma não foi aquela que eu conheço do dia-a-dia nem foi nada do que eu tinha transmitido no encontro de pré-observação. Esteve bastante calma, sossegada, concentrada e participavam ordeiramente. Na minha opinião, isto aconteceu devido à presença das duas professoras observadoras. Com o avançar das actividades, a turma colocou-se mais à vontade e começaram, gradualmente, a mudar as suas atitudes comportamentais, ou seja, participavam desordenadamente, falavam mais alto e alguns de assuntos nada relacionados com a aula. As estratégias que fui utilizando nesta aula, de maneira a que eles acalmassem, não foi de modo algum as que costumo usar quando estou sozinha na sala de aula com eles. Na minha opinião e, fazendo talvez uma crítica à minha postura ou atitude, a presença de duas pessoas na

sala de aula teve uma certa influência sobre a forma como eu geri o comportamento da turma. Como é óbvio a minha maneira de lidar com a turma deveria ser a mesma, com ou sem aulas observadas, mas é difícil desbloquear o nosso pensamento ou até mesmo desligarmos ou despreocuparmo-nos sobre o que as outras pessoas ali presentes estão a pensar daquela aula, da nossa postura e das nossas atitudes, que possível crítica virá a caminho.

Nesta aula estava programado fazer um trabalho de grupo, onde os alunos iriam escrever um pequeno diálogo, com a ajuda de um mapa, para darem indicações de alguns lugares públicos, utilizando todo o vocabulário aprendido ao longo desta aula. Esta actividade não foi possível realizar-se devido à interrupção inesperada do Presidente do Conselho Executivo, para a entrega de calendários e da sua mensagem de Boas Festas.

Posteriormente, as observadoras e a professora puseram em comum os seus relatos da aula, estabelecendo um confronto entre as perspectivas das observadoras e da professora com as percepções dos alunos, mediante a análise dos resultados da ficha de auto-avaliação.

Após a análise desses relatos, concluímos que a experiência se revelou bastante enriquecedora para observadoras, professora e alunos. A professora observada teve oportunidade de saber a opinião de duas professoras acerca do modo como se relaciona com os alunos, quais os tipos de interacção mais favoráveis à melhoria do trabalho com aquela turma, que tipos de actividades e/ou estratégias deverá manter e quais deverá tentar melhorar ou substituir, na tentativa de tornar as aulas mais produtivas. Surgiram situações concretas de estratégias a manter e valorizar e outras que todas verificámos que deveríamos alterar ou trabalhar de outro modo porque ainda não estão devidamente interiorizadas.

Auto-avaliação dos alunos

Os alunos tiveram mais um momento de reflexão sobre a sua aprendizagem, puderam verificar como decorreu a aula, diferenciar as actividades desenvolvidas, manifestar a sua opinião acerca das mesmas.

Em seguida apresentaremos a síntese dos dados recolhidos através das fichas de auto-avaliação dos alunos e a sua análise.

Tabela 3 - Síntese dos resultados da ficha de auto-avaliação

Nesta aula tive oportunidade de...	Sim	Não	Não sei
1. Desenvolver actividades interessantes	25		
2. Obter apoio da professora para ultrapassar as minhas dificuldades	20	5	
3. Identificar os meus problemas ou dificuldades	20		5
4. Pedir ajuda à professora para resolver as minhas dificuldades	21	4	
5. Explorar diferentes recursos materiais de aprendizagem	5	1	19
6. Colaborar com os colegas (trabalho em par ou em grupo)	4	2	19
7. Compreender claramente as tarefas propostas pela professora	25		
8. Participar ordeiramente	24		1
9. Tomar iniciativas, expressar opiniões, realizar escolhas	15	10	
10. Reflectir sobre aspectos da língua inglesa	17	8	
11. Evitar problemas/conflitos com os meus colegas	24	1	
12. Pensar sobre a minha aprendizagem	21	4	

Da análise dos resultados constantes na tabela 3 poderemos inferir que os alunos acharam as actividades interessantes. Uma grande maioria obteve apoio da professora para resolver as suas dificuldades, o mesmo número de alunos conseguiu identificar os seus problemas e dificuldades, embora se verificasse que cinco alunos assinalaram *não sei* na questão *identificar os meus problemas ou dificuldades*. O número de alunos que pediu ajuda à professora para resolver as suas dificuldades e o número de alunos que obteve apoio da professora para ultrapassar as suas dificuldades, anda muito próximo, apenas há a diferença de um aluno que assinalou *não*. Poderemos concluir que uma elevada percentagem de alunos da turma colocou as suas questões/dificuldades e obteve apoio para as ultrapassar.

A qualquer observador externo à nossa experiência poderão colocar-se algumas interrogações relativamente aos resultados obtidos nas questões número cinco e número seis, que se referem, respectivamente, à exploração de diferentes recursos materiais de aprendizagem e colaboração com os colegas (trabalho em pares e em grupos) onde o *não sei* atingiu percentagens muito elevadas. Porém, professora e observadoras facilmente compreenderam que estes resultados devem ter sido motivados pela interrupção da aula, a que já nos referimos, que ocupou algum tempo e gerou uma certa perturbação, obrigando a abreviar e alterar a parte final da aula, onde estavam contempladas actividades de colaboração (trabalho em grupo).

Todos os alunos referiram compreender claramente as tarefas propostas pela professora. Relativamente à participação ordeira, apenas um aluno assinalou *não sei*, todos os restantes foram unânimes na afirmação, o que não corresponde aos registos das observadoras e da professora observada. Isto leva-nos a supor que os alunos tenham sentido que o seu

comportamento foi afectado pela presença das observadoras, esforçando-se por terem melhor comportamento.

Relativamente à questão número nove - *tomar iniciativas, expressar opiniões, realizar escolhas* – podemos verificar que um elevado número assinalou não, acontecendo idêntica situação com a questão seguinte – *reflectir sobre aspectos da Língua Inglesa*. Esta situação é sem dúvida significativa de falta de reflexão por parte dos alunos, aspecto que necessita de ser trabalhado.

Relacionando esta análise com os resultados obtidos na nossa observação, podemos concluir que as perspectivas e concepções dos alunos nem sempre coincidem com a visão do professor. A recolha de informação junto dos alunos numa experiência de supervisão permitiu-nos uma compreensão mais alargada da situação observada e das opções pedagógicas a tomar. A auto-avaliação permite ao aluno uma consciencialização do modo como aprende e como pode aprender melhor. É importante que os alunos acreditem nas suas capacidades e consigam consciencializar-se das condições para aprender melhor, assumindo-se como sujeitos autónomos, responsáveis e participativos na construção do seu processo de aprendizagem.

5 - Conclusão

Terminada a nossa experiência, despoletada pela insatisfação face ao comportamento e aprendizagem dos alunos da turma do 6.º E, na disciplina de Inglês, podemos concluir que esta experiência sustenta-se numa visão da supervisão pedagógica como processo reflexivo, colaborativo, com vista a melhores práticas educativas. Como referem Alarcão e Tavares (2003: 53) “Poderemos assim afirmar que os sujeitos que intervêm directamente no processo de supervisão continuam em desenvolvimento. Desenvolver-se e aprender para poder ensinar a aprender e ajudar a desenvolver os alunos, parece ser, na realidade, não apenas o objectivo fundamental das actividades da supervisão da prática pedagógica, mas também a tarefa principal a realizar.”

O nosso estudo contribuiu para nos consciencializar da importância da reflexão sobre as nossas práticas, envolvendo não só os professores mas também os alunos. Alertou-nos para a importância do uso de diferentes estratégias e instrumentos de observação, que permitem aceder a um conhecimento mais profundo das nossas práticas e das motivações, concepções e interesses dos alunos. Por outro lado, a experiência revelou também os nossos próprios constrangimentos, como a pouca disponibilidade de tempo, as distâncias geográficas, incertezas e ansiedade, amenizados pela cooperação entre os elementos do grupo e pela orientação da docente da unidade curricular.

Neste estudo verificámos que a observação de aulas com a colaboração de pares apresenta potencialidades na medida em que permite a compreensão e a resolução de problemas com que

nos deparamos na prática, suscita a indagação crítica de teorias e práticas, responde a necessidades profissionais, provoca alterações na actuação pedagógica, promove a reflexão crítica sobre o processo de ensino e de aprendizagem, contribuindo para a melhoria das aprendizagens dos alunos. Identificamo-nos com Alarcão e Tavares (2003:121) quando afirmam que “o fulcro da actividade reside na colaboração que se manifesta no encontro de colegas que, numa atitude não avaliadora, se debruçam sobre os dados colhidos durante uma observação realizada para desocultarem o sentido de um aspecto específico do acto de ensino-aprendizagem, as razões da sua existência e/ou as mudanças que nele se podem operar. É a supervisão entendida no sentido do poder do professor sobre o seu próprio ensino.”

Apesar de só termos observado uma aula, devido à escassez de tempo, concluímos que esta estratégia de (auto) supervisão, pautada por um espírito de entre ajuda, sinceridade e colegialidade, quebra o isolamento tão característico da classe docente e estimula o desenvolvimento profissional dos professores. É óbvio que, com apenas uma aula observada, não é possível notar-se se há ou não progressão, tanto no ensino como na aprendizagem dos alunos. No entanto, foi uma experiência rica, rica no sentido de duas colegas se colocarem no papel de supervisoras e outra colega se dispor a ser observada numa aula, assim como a participação activa da turma. Foi uma experiência bastante produtiva, principalmente quando nos reunimos para debater ou discutir, de uma forma crítica, o que tinha corrido bem e o que falhara. Esta foi uma forma de aprendizagem de ambas as partes. Podemos concluir que a observação colaborativa obriga-nos a reflectir sobre a forma como desenvolvemos o nosso processo de ensino e de aprendizagem, confronta-nos com aspectos que por vezes passam despercebidos na prática diária, desinibe-nos e gera confiança para partilharmos as nossas experiências, leva-nos a reformular e a melhorar a nossa prática pedagógica.

6 - Referências bibliográficas

- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I. (1982). *Supervisão clínica: um conceito e uma prática ao serviço da formação de professores*. Revista Portuguesa de Pedagogia, 16, pp. 151-168.
- Alarcão, I. (org.) (1996). *Formação reflexiva de professores - estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Cogan, M. L. (1973). *Clinical Supervision*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Estrela, A. (1984). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação dos Professores*. Lisboa: INIC.

- Moreira, M. A. (2005). *A investigação-acção na formação em supervisão no ensino do Inglês – processos de (co)construção do conhecimento profissional*. Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.
- Oliveira-formosinho, J. (org.) (2002). *A supervisão na formação de professores (I: da sala à escola; II: da organização à pessoa)*. Porto: Porto Editora.
- Sá-Chaves, I. (2000). *Formação, conhecimento e supervisão – contributos nas áreas de formação de professores e de outros profissionais*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Unidade de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Professores.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Vieira, F. (2006) *Cadernos 4 – Grupo de Trabalho - Pedagogia para a Autonomia, GT-PA*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Departamento de Metodologias da Educação.
- Vieira, F. (2008) *Cadernos 5 – Grupo de Trabalho - Pedagogia para a Autonomia, GT-PA*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Departamento de Metodologias da Educação.
- Vieira, F., Moreira, M. A., Barbosa, I., Paiva, M. & Fernandes, I.S. (2006). *No caleidoscópio da supervisão. Imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.